



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ**  
Departamento de Letras e Artes



Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações

**ELISABETE COSTA SILVA**

**EXU NA ENCRUZILHADA, GEOGRAFIAS NEGRO-LÉSBICAS**

**ILHÉUS-BAHIA**  
**2020**

**ELISABETE COSTA SILVA**

**EXU NA ENCRUZILHADA, GEOGRAFIAS NEGRO-LÉSBICAS**

Dissertação (artigo de promoção) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz como requisito para a obtenção do título de Mestra em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. André Mitidieri.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem

Linha de Pesquisa: Linguagem e Estudos de Gênero

**ILHÉUS-BAHIA  
2020**

S586

Silva, Elisabete Costa.

Exu na encruzilhada, geografias negro-lésbicas /  
Elisabete Costa Silva. – Ilhéus, BA: UESC, 2020.  
21f.

Orientador: André Luis Mitidieri Pereira.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual  
de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em  
Letras : Linguagens e Representações.

Inclui referências.

1. Literatura brasileira – Escritores negros. 2. Fe-  
minismo na literatura. 3. Silva, Cidinha da, 1967- .  
I. Título.

CDD 809.933

**ELISABETE COSTA SILVA**

**EXU NA ENCRUZILHADA, GEOGRAFIAS NEGRO-LÉSBICAS**

Dissertação (artigo de promoção) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz como requisito para a obtenção do título de Mestra em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. André Mitidieri.

13 de outubro de 2020.

**Banca Examinadora**

---

**Dr. André Luis Mitidieri Pereira**  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
(Orientador)

---

**Dra. Sandra Maria Pereira do Sacramento**  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
(Examinadora interna)

---

**Dra. Maria Nazaré Mota de Lima**  
Universidade do Estado da Bahia  
(Examinadora externa)

## **AGRADECIMENTOS**

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento do primeiro ano desta pesquisa.

À Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), cenário de grandes conquistas, e ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL), por possibilitar este e tantos outros exuzilhamentos epistemológicos e escriturais.

Ao Grupo de Pesquisa “O Espaço Biográfico no Horizonte da Literatura Homoerótica” (GPBIOH), pelos saberes compartilhados.

Ao professor Dr. André Mitidieri, orientador desta pesquisa, por acreditar em mim e por fomentar a visibilização e o respeito às minorias sociais, também no âmbito acadêmico.

Às professoras que compõem a banca examinadora, Sandra Sacramento e Nazaré de Lima, pela generosidade ao avaliar o meu trabalho.

À professora Inara, pelas contribuições para o nascimento e desenvolvimento deste texto.

Às mulheres extraordinárias do PPGL, que habitam as fendas do meu texto, em especial: a Amanda, pelo companheirismo; a Josane, pelos risos sinceros; a Leila, pelos sábios conselhos; a Jaíne e a Valéria, por toda a assistência prestada.

Aos meus amigos, em especial, a Luan e a Táfone, pelos plantios de pitanga.

À minha mãe, Nete, e ao meu pai, Claudio, por estarem ao meu lado, sempre.

quando um corpo d'água se deita sobre pedras  
entende que não há aspereza capaz  
de interromper o fluxo da cachoeira.

*- a pedra pode não amolecer mas  
depois de molhada nunca mais será  
a mesma.*

(Louise Queiroz)

SILVA, Elisabete Costa Silva. **Exu na encruzilhada, geografias negro-lésbicas**. 2020. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representação – PPGL-UESC. Ilhéus, 2020.

## RESUMO

Com base em pressupostos dos estudos decoloniais, de gênero e de sexualidade, neste texto, proponho a análise de duas narrativas negro-brasileiras, “*I have shoes for you*” e “Farrina”, presentes no livro *Um Exu em Nova York* (2018), de Cidinha da Silva. Para o desenvolvimento desta análise, mobilizo dois conceitos principais: o de geografias lésbicas, apresentado por Natalia Borges Polesso (2018); e o de exuzilhamento, criado pela própria Cidinha. A partir dos textos elencados, meu objetivo é refletir sobre os encontros protagonizados por personagens negro-lésbicas em espaços bifurcados pela lógica moderna/colonial, bem como demonstrar de que forma esses encontros são capazes de “exuzilhar” os modelos hegemônicos de representação.

**Palavras-chave:** Geografias lésbicas. Decolonialidade. Literatura negro-brasileira. Cidinha da Silva.

SILVA, Elisabete Costa Silva. **Exu at the crossroads, black-lesbian geographies**. 2020. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representação – PPGL-UESC. Ilhéus, 2020.

## ABSTRACT

Based on decolonial, gender and sexuality studies, in this text, I propose the analysis of two Black-Brazilian narratives, "I have shoes for you" and "Farrina", from the book *Um Exu em Nova York* (2018), by Cidinha da Silva. By developing this analysis, I mobilize two main concepts: lesbian geographies, presented by Natalia Borges Polesso (2018); and "exuzilhamento", created by Cidinha herself. My goal is to reflect on the encounters starring black-lesbian characters in spaces forked by modern/colonial logic, as well as to demonstrate how these encounters are capable of "exuzilhar" the hegemonic models of representation.

**Keywords:** Lesbian Geographies. Decoloniality. Black Brazilian Literature. Cidinha da Silva.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. DECOLONIALIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE</b> .....	10
<b>2. LITERATURA E GEOGRAFIAS NEGRO-LÉSBICAS</b> .....	12
<b>3. OS EXUZILHAMENTOS DE CIDINHA DA SILVA</b> .....	14
<b>CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO</b> .....	19
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	20

## INTRODUÇÃO

Falar de literatura negro-brasileira<sup>1</sup> é, também, falar dos entrecruzamentos que ela promove. Neste trabalho, proponho um diálogo decolonial entre geografia, literatura e estudos de gênero e sexualidade, por meio da análise de duas narrativas negro-brasileiras, “*I have shoes for you*” e “Farrina”, presentes no livro *Um Exu em Nova York* (2018), de Cidinha da Silva.

Além desta introdução, o texto está dividido em três seções: na primeira delas, busco chamar a atenção para o projeto político e epistemológico da decolonialidade e sua relação com as pautas do feminismo e das lutas LGBTQ+. Na segunda, apresento as proposições de Natalia Borges Polesso (2018) quanto às geografias lésbicas, que fundamentam o que aqui estou chamando de “geografias negro-lésbicas”. Para mim, a investigação dos espaços a partir de movimentações negras e lésbicas configura um método bastante frutífero, capaz de “exuzilhar” os modelos de representação pautados em hierarquias raciais, de gênero e de sexualidade.

Enfim, na terceira parte do texto, apresento minhas análises e reflexões sobre os encontros e deslocamentos empreendidos pelas personagens de *Um Exu em Nova York*, em espaços bifurcados pelo pensamento moderno/colonial. Ao longo dessa apresentação, ressalto ainda os princípios exusíacos que conduzem a escritura de Cidinha da Silva, conforme comentários de wanderson flor do nascimento (2018), Luiz Rufino (2016) e Síkírù Sàlámì (2011).

### 1. DECOLONIALIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE

As discussões sobre o pós-colonialismo, difundidas a partir dos anos 1980, principalmente, no campo da literatura e dos estudos culturais, oferecem fundamento epistêmico, teórico e político para observar os preceitos coloniais modernos na Inglaterra e nos Estados Unidos. Para Stuart Hall (2003), o pós-colonial diz respeito a um processo de desligamento ente os mundos que foram marcados pelo colonialismo e a síndrome colonial.

Contudo, países do Norte e do Sul global têm sido afetados de maneiras

---

<sup>1</sup> O uso do termo “negro-brasileira”, em concordância com Cuti (2010), refere-se à literatura que nasce a partir das experiências de autores brasileiros autodeclaradamente negros.

distintas pela lógica moderna/colonial. Pensando nisso, ao final dos anos 1990, pesquisadores latino-americanos, inseridos em diversas universidades, reuniram-se para formar o Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), na busca por atualizar a crítica das ciências sociais acerca das relações coloniais na América Latina.

De acordo com Enrique Dussel (2005), pesquisador argentino do M/C, a modernidade eurocêntrica foi assumida como um mito, que acabou por determinar a superioridade branco-europeia sobre os demais povos do planeta. Assim, da relação entre modernidade, colonialidade e sistema capitalista mundial, criou-se um padrão universal, baseado na exploração racial do trabalho, ao qual o peruano Aníbal Quijano (2005) chamou de “colonialidade do poder”.

Convém salientar que esse padrão de poder implica, também, um modelo epistêmico, a “colonialidade do saber”, que colabora para a manutenção de uma narrativa única acerca das possibilidades de produção do conhecimento. Conforme essa perspectiva, o não europeu é sempre visto como o passado, o primitivo. Tal visão, por sua vez, está diretamente ligada à ideia de “colonialidade do ser”, que pressupõe a negação da humanidade a certas populações, vistas como um obstáculo à modernização (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007).

María Lugones (2008), embora corrobore para as reflexões anteriores, ressalta, ainda, outra categoria determinante para a configuração e manutenção da colonialidade: o gênero. Para a feminista argentina, na lógica moderna/colonial, existem os humanos: o homem branco, detentor do poder e do saber, e a mulher branca, responsável por reproduzir a dominação colonial; e os primitivos, ou não humanos: negros e indígenas. Segundo essa divisão, as indígenas e as negras não pertenceriam nem à categoria mulher, nem à dos negros e indígenas.

Por isso, para superar a matriz de poder moderna/colonial, seria preciso, antes, repensar as políticas de naturalização dos corpos, marcadas pelo apagamento de existências que não se enquadram no modelo hegemônico: homem branco cis-heterossexual. Seria necessário, ainda, questionar a universalização do conceito de “mulher”<sup>2</sup>, sabendo que ele próprio encontra-se atravessado por sistemas vários de opressão.

Segundo Ochy Curiel, intelectual caribenha:

---

<sup>2</sup> Os questionamentos à universalidade da categoria “mulher”, embora sistematizados por/ atribuídos à terceira onda do feminismo, remetem às reivindicações das abolicionistas negro-estadunidenses do final do século XIX, como demonstra Sojourner Truth em seu discurso “*And ain't I a woman?*” (Cf. TRUTH, 2020).

Las experiencias de racismo, sexismo, clasismo y heterosexismo [...] son parte de un patrón mundial de poder, definido por Aníbal Quijano como colonialidad del poder. [...] El feminismo decolonial [...] propende por un proyecto de liberación de múltiples sujetos subalternos atravesados por todos los sistemas de opresión, pero a la vez rescata todas las resistencias y luchas que se han hecho frente a esos sistemas (SILVA; ALMEIDA; GONÇALVES, 2020, p. 273- 274).

Nesse sentido, decolonizar o poder, o saber e o ser significaria questionar todos os sistemas de opressão, nos quais se cruzam relações econômicas, culturais e sociais. De modo singular, adotar uma perspectiva feminista decolonial pressupõe prestigiar escrituras latino-americanas, negras, lésbicas, trans, entre outras capazes de desafiar as violências decorrentes de geopolítica, classe, raça, gênero e sexualidade, de modo abrangente e transversal.

## 2. LITERATURA E GEOGRAFIAS NEGRO-LÉSBICAS

Com base nas discussões anteriores, é de se pressupor que a colonialidade, reforçada pelas experiências de racismo, classismo e heterossexismo, também se interesse por escrituras artístico-literárias, locus privilegiado tanto para a manutenção quanto para o deslocamento de determinadas práticas sociais. Nesse contexto, destaco a importância da “literatura lésbica”, tal como entendida pela escritora e pesquisadora Natalia Borges Polesso (SANTOS; BARROSO, 2019): obras literárias que permitem pensar as existências lésbicas<sup>3</sup>, tanto em termos de autoria, quanto de representação ficcional.

Por entender a produção literária irrefutavelmente conectada à produção e à reformulação de espaços, Polesso (2018) fala, ainda, em “geografias lésbicas”, com base na noção de “geografia literária”<sup>4</sup>, que diz respeito a:

onde e como vivem, trabalham e têm lazer indivíduos que: se identificam como; reivindicam o termo; ou podem ser vistos como lésbicas; [...] como essas pessoas se encontram em determinados lugares e também como elas negociam os lugares onde: não são bem-vindas; são sujeitas a abusos; e onde elas se sentem inseguras. Sobretudo, as geografias lésbicas dizem respeito às possibilidades de encontrar, ressignificar e criar espaços onde o

<sup>3</sup> Optei pela utilização do termo “existência lésbica”, em concordância com Rich (2010), para me referir à (re)criação de significados a partir de um conjunto de experiências de identificação, não necessariamente sexuais, entre mulheres.

<sup>4</sup> Termo utilizado pelo pesquisador italiano Michel Collot para pensar “a) no espaço que a literatura produz; b) na maneira como ela o produz; e c) nas projeções dessa produção” (POLESSO, 2018, p. 6).

trânsito das lésbicas [...] seja possível (POLESSO, 2018, p. 6).

Reproduzir essas vozes, que (se) narram distanciadas dos estereótipos e estigmas vários, é um ponto crucial para analisar os meios de dominação moderno/coloniais, mas também para formular perspectivas outras sobre as formas de vida e de escrita não hegemônicas. Segundo Joaze Bernardino-Costa (2018), pesquisador brasileiro, uma estratégia fundamental da colonialidade é a negação da geopolítica e da corpo-política do conhecimento de intelectuais que não se adequam aos padrões da colonialidade. Contudo,

Se, no âmbito da matriz do poder moderno/colonial, a desqualificação epistemológica se constitui num mecanismo de negação ontológica, o inverso também é verdadeiro, ou seja, a afirmação ontológica, por meio da geopolítica e corpo-política do conhecimento, torna-se um elemento central para a afirmação epistemológica (BERNARDINO-COSTA, 2018, p. 126).

É, pois, a partir da evocação do lugar de fala e da experiência vivida que se daria o que ele chama de “reviravolta” ontológica e epistemológica. Se o ato de cartografar consiste, como quiseram Deleuze e Guattari (2011), em uma escritura crítica e interpretativa, que permite olhares múltiplos sobre o mundo, ele também está assentado na multiplicidade de sujeitos. Assim, o que as geografias lésbicas propõem é cartografar com o norte das lesbianidades, isto é, observar os espaços, enquanto elementos constituintes dos processos de subjetivação, a partir da experiência de autoras e personagens lésbicas:

Não se trata de discernir que tipo de experiência pode ou não produzir tal texto, mas de dizer que a experiência está sempre mediada por um espaço. A condição geográfica do estudo reside na imanência das ações no espaço, sua interdependência, sua produção como constitutiva e indispensável à humanidade. As relações acontecem no espaço, em um lugar específico, composto de pessoas e entremeado de relações, e não numa plataforma histórico-temporal amorfa. As relações compõem o espaço e sua construção (POLESSO, 2018, p. 10).

Tal condição, aplicada à leitura de Cidinha da Silva, possibilita uma abertura para outros horizontes discursivos, escriturais e de pesquisa. Além disso, auxilia na construção de um repertório capaz de representar as existências negro-lésbicas nas mais diversas espacialidades, de modo distinto ao que propôs o cânone literário ocidental.

### 3. OS EXUZILHAMENTOS DE CIDINHA DA SILVA

*When the winds of Orisha blow  
even the roots of grass  
quicken.*

(Audre Lorde)

Graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, Cidinha da Silva sempre demonstrou engajamento com as causas sociais. Entre os anos de 2000 e 2003, a escritora e pesquisadora mineira chegou a presidir o *GELEDÉS* - Instituto da Mulher Negra. Além disso, em 2005, foi a fundadora do *Instituto Kuanza*, que desenvolve projetos e ações educativas voltadas para a juventude negra.

Sua estreia na literatura se deu em 2006, com a coletânea *Cada tridente em seu lugar*, que dialoga com diversas questões raciais da contemporaneidade. Desde então, Cidinha já teve mais de dez títulos publicados, que vão de crônicas até contos, poemas e narrativas infantojuvenis, tornando-se uma das grandes responsáveis por inscrever, de forma engajada e propositiva, na história da literatura brasileira, existências negras e, muito frequentemente, também, negro-lésbicas.

Entre as publicações mais recentes de Cidinha, destaca-se o livro de contos *Um Exu em Nova York* (2018) que, além de outras temáticas, expõe situações de racismo, machismo e lesbofobia, e desmistifica estereótipos acerca das religiões de matriz africana. Antes, porém, de me aprofundar em suas narrativas, convém salientar o caráter exusíaco deste trabalho. Já no prólogo do livro, wanderson flor do nascimento apresenta Exu:

Andarilho, mensageiro, comunicador, afeito à política. Senhor das contradições e dos caminhos, Exu anda com as palavras, anda nas palavras, anda pelas palavras, anda as palavras. Por viver (n)as palavras, como vive (n)as encruzilhadas, (n)os caminhos, Exu as tem como ferramentas para fazer mundos, encontros, memória (NASCIMENTO, 2018, p. 11).

O senhor dos caminhos dá o tom do que vem a ser a escritura de Cidinha da Silva, uma vez que, das suas personagens, emergem representações do colonizado em espaços onde, por muito tempo, ele não havia sido imaginado. De acordo com Luiz Rufino (2016), as rasuras e transgressões de caráter exusíaco se

dão nos atos de praticar frestas nos vazios deixados pela lógica dominante. Em outras palavras, a perspectiva da encruzilhada, interpretada a partir dos saberes fronteiriços da diáspora africana, compreende um imenso campo de possibilidades de presença de Exu no tempo-espaço.

Nesse sentido, a figura do orixá-andarilho (SÀLÁMÌ, 2011) ajuda a entender as reivindicações de identidade e produções de sentido nos dois contos escolhidos para esta análise, “*I have shoes for you*” e “Farrina”, tendo em vista que ambos narram o encontro entre personagens negras e/ou lésbicas na cidade de Nova York. Ao representar esses encontros, a escrita de Cidinha colabora para uma rasura nas fronteiras da colonialidade, bem como para a ressignificação das geografias, a partir de uma autoria negra e lésbica.

O primeiro conto se passa em uma esquina do Harlem, bairro nova-iorquino que, desde a sua Renascença<sup>5</sup>, passou a ser considerado um dos principais palcos de resistência de culturas negro-centradas no território estadunidense. No entanto, o título de bairro negro não o tornou imune ao racismo que rege o funcionamento do sistema moderno/colonial. Frente à intensa segregação racial, ocorrida principalmente no final do século XX, o local tornou-se irregularmente dividido pela lógica do capital. Tal divisão é denunciada já no início da narrativa:

Ela surgiu de surpresa, como eles costumam vir ao meu mundo. [...] Perguntou com voz muito doce se eu tinha algum trocado. Sorri para ela. Entreguei as moedas. Quando olhou para meus pés, depois de agradecer, disse: eu tenho sapatos para você. [...] Eu [estava] ali, parada na esquina da Martin Luther King Jr com a 29<sup>th</sup> à espera da amiga dominicana. [...] Ali, no Harlem de classe média, ela julgou que eu era da rua, do Harlem profundo, como ela. [...] Ou, ainda, considerando meus *dreads*, um casaco fora de moda, sapatos de outono usados no inverno em diálogo com o Harlem *roots* de onde ela vinha, talvez os sapatos fossem um código ou senha para uso ou tráfico de coisas que poderiam me interessar (SILVA, 2018, p. 13-15).

No trecho anterior, é possível observar como o racismo opera enquanto imaginário colonial de dominação, que organiza e determina os espaços: devido à cor de sua pele, seus *dreads* e suas roupas fora das tendências globalizantes, a personagem-narradora antecipa a conclusão de sua interlocutora, também negra, de que ela não poderia pertencer à parcela do Harlem de classe média. Vale

---

<sup>5</sup> Movimento cultural, ocorrido no início do século XX, que envolveu poetas, escritores, músicos e dançarinos, predominantemente negros, e empenhou-se na criação e na afirmação de uma nova cultura negra estadunidense.

lembrar que o corpo é o primeiro lugar de ataque do racismo, uma vez que as formas de atualização da colonização incidem nas dimensões do saber e do ser, isto é, nas epistemologias e nas corporeidades dos povos colonizados. Todavia, é também do corpo, ao percorrer caminhos diversos, que emergem as possibilidades de novas inscrições, novos caminhos:

Exu matou um pássaro ontem com a pedra que jogou hoje! Ao preparar a comida do homem, quando minha mão tocou o dendê, encontrei a resposta, a chave. Recebi os sapatos-presente para firmar o pé na estrada e fazer o caminho (SILVA, 2018, p. 16).

Em sua multiplicidade de performances, saberes textualizados, o guardião das encruzilhadas confronta e rasura a colonialidade: presentifica-se em Nova York, centro da hegemonia ocidentalizada, e oferece à sua interlocutora os sapatos carregados de axé. Nesse momento, é possível notar um exemplo axiomático do que Cidinha da Silva chama de “exuzilhamento”: seus sapatos-presente representam uma possibilidade de lançar outros olhares ao mundo, em uma dinâmica cruzada.

Já a segunda narrativa, “Farrina”, narra um novo encontro, dessa vez no Brooklyn – *borough* nova-iorquino que, assim como o Harlem, viveu uma espécie de renascimento negro, por volta dos anos 1980:

Assim que me viu, [Farrina] sorriu, meneou o corpo como quem dissesse: se você está procurando lugar para se sentar, sente-se aqui. Assenti, a ver o que aquela mulher de longos *dreads* avermelhados teria a me dizer. [...] Não pude me furtar a olhar para as marcas do tempo violento e da pobreza em seu corpo: as cáries, a falta de dentes, cortes e pequenas queimaduras ao longo dos braços, a pele ressecada, sem uso de hidratante naquele princípio de inverno (SILVA, 2018, p. 45-46).

No trecho em destaque, é possível visualizar as marcas remanescentes de um sistema que ainda violenta e rejeita corpos negros. No entanto, essas marcas já não são mais cobertas ou romantizadas por estigmas da tradição literária branco-eurocêntrica. Pelo contrário: na estética incorporada pela escritura de Cidinha, elas são salientadas – e denunciam as novas formas de colonização.

Além disso, há novamente a representação dos *dreads*, elemento estético que é resgatado e celebrado na literatura negro-brasileira, em tom de afirmação e de (re)existência, uma vez que cria “certa irmandade mundo a fora entre pessoas negras que partilham o sentido de raízes que crescem para o alto e para fora”



(SILVA, 2018, p. 45). Nesse ponto, convém dizer que a disputa por espaços, numa perspectiva decolonial, também envolve o abandono de imaginários embranquecidos em detrimento de narrativas que atribuem significados afirmativos às estéticas negras.

De volta à narrativa, Farrina revela que estava em Nova York para fugir dos desastres ocorridos na cidade onde morava antes:

Ela vinha de uma viagem longa. Chegara do Sul há uma semana, fugindo de mais um furacão. Eu não havia visto notícia sobre furacão algum. Ela riu o riso que diz: são tantos os furacões e vendavais no Sul que o Norte dos EUA e o mundo só olham para nós quando precisam de notícias. [...] Interessada, perguntei se o governo local dava alguma ajuda financeira para que os moradores se deslocassem. Muito séria, respondeu que não. Nenhuma ajuda (SILVA, 2018, p. 47).

Ao fazer referência à temática das relações Norte-Sul, o excerto denuncia, mais uma vez, as desigualdades sociais no sistema moderno/colonial, e evidencia o descaso sofrido por uma parcela da população, assolada por desastres ambientais, mas também, e principalmente, pela falta de assistência do governo. Nesse contexto, é preciso lembrar, ainda, que o racismo passa por violências psicológicas, que garantem a criação e a manutenção da baixa autoestima de pessoas negras; mas também por mecanismos econômicos, que envolvem a restrição dessas pessoas, mediante atributos burocráticos do sistema capitalista, a situações de pobreza e de suborninação.

Após contar de sua vida, Farrina também faz alguns questionamentos à narradora:

Perguntou se eu era de NY. [...] Tentei explicar que eu era de Minas Gerais, desenhei um mapa rudimentar do Brasil e localizei a terrinha. Depois, perguntou o que eu fazia na cidade e respondi que estava ali para assistir a leitura de uma peça de minha autoria num teatro. Ela me olhou entre espantada e feliz. Congratulou-se comigo e disse, é muito bom que a gente faça esse tipo de coisa também (SILVA, 2018, p. 47-48).

Ao revelar-se enquanto uma escritora brasileira, a narradora tematiza a própria voz autoral de Cidinha. Desse modo, é possível dizer que o conto funciona como uma reação à dupla colonização que oprime mulheres negras, em uma sociedade fundada em ideologias racistas e machistas. Além disso, a alegria de Farrina, frente às conquistas de sua semelhante, simboliza uma faísca: uma possibilidade de vislumbrar destinos outros para si.

Mais adiante, no conto, há ainda uma menção às origens de Farrina:

Comprei um [pastelzinho] para Farrina e voltei para nosso local de conversa. [...] Ela comentou: esse Patty é do Caribe. Eu sou de lá. Mais uma surpresa. De onde você é no Caribe? De Trinidad. Oh, Trinidad e Tobago, ilha da região de Audre Lorde! Ela não conhecia. Expliquei que era uma escritora muito importante, ativista lésbica. Confesso que falei a palavra lésbica bem rápido, pois estava em dúvida se Farrina era uma dona de casa, cis, bem conservadora, ou uma lésbica antiga que guarda tudo sobre si muito bem guardado e quem é do meio que leia os códigos e os interprete (SILVA, 2018, p. 49-50).

A referência a Trinidad e Tobago traz à tona outra peça que aproxima as duas personagens: as relações entre América Latina e Caribe. A narradora, que já se havia revelado enquanto uma figura bem instruída, logo demonstra empolgação ao descobrir a proximidade entre sua emblemática interlocutora e uma personalidade por quem nutre grande admiração: a escritora e ativista negro-lésbica, nova-iorquina de ascendência caribenha, Audre Lorde. Ao contrário do que se esperava, Farrina não conhecia o legado de Lorde: tal informação, além de delinear o contraste social entre as duas personagens, também acaba por, de certa maneira, reivindicar uma maior valorização epistêmica de intelectuais que não se enquadram nos padrões branco-heteronormativos.

Também no excerto anterior, é prenunciada a identificação da narradora com a causa lésbica, vide o receio de ter que lidar com uma postura discriminatória. Logo em seguida, porém, ela afirma: “Farrina era uma cebola, isso sim” (SILVA, 2018, p. 50). São essas brechas que permitem vislumbrar aquilo que, aqui, estou chamando de “geografias negro-lésbicas”.

Ao longo dos contos analisados, passeamos por espaços, geográficos e literários, ressignificados a partir do olhar de existências negras e lésbicas. Personagens como Farrina deixam de ser mero objeto e passam a contar, elas próprias, as suas histórias e, por que não, transformá-las em literatura. Com(o) Exu, a escrita de Cidinha oferece os sapatos para que muitas dessas existências ultrapassem fronteiras e tracem seus inúmeros (des)caminhos.

## CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO

Neste trabalho, busquei demonstrar a importância de priorizar metodologias a partir da decolonialidade, especialmente, dos pensamentos feministas decoloniais. Por intermédio de escrituras, teóricas e literárias, latino-americanas, negras e lésbicas, apresentei a minha proposta: refletir sobre os exuzilhamentos protagonizados por personagens negro-lésbicas em espaços bifurcados pela lógica moderna/colonial.

Para conduzir minha reflexão, analisei duas narrativas presentes em *Um Exu em Nova York* (2018), de Cidinha da Silva, livro que lança um olhar afro-diaspórico contemporâneo sobre o mundo e subverte modelos coloniais de representação. Ao caminhar pelos contos “*I have shoes for you*” e “Farrina”, fui presenteada com visões de uma Nova York que, lida por personagens negras e/ou lésbicas, me foi devolvida transformada. Além disso, pude enxergar, nos encontros entre essas figuras, a emergência de movimentos exusíacos, isto é, de possibilidades de rasura aos imaginários racistas e cis-heteronormativos que ainda prevalecem na sociedade.

Tudo o que trago aqui, no entanto, é uma possibilidade de interpretação desses movimentos e, de certa forma, uma tentativa de (auto)reflexão, frente aos vícios coloniais que permeiam os estudos literários, de gênero e de sexualidade. Dito isso, só me resta agradecer a Cidinha, a Audre Lorde e às tantas Farrinas, que, ao contarem suas histórias, reivindicam novos espaços e contribuem para o fortalecimento das epistemologias decoloniais.

## REFERÊNCIAS

- BERNARDINO-COSTA, Joaze. Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 119-137, jan./abr. 2018.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007.
- CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**: vol. 04. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo nas ciências sociais - perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 24-32.
- HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? *In*: HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardiã Resende et. al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 101-128.
- LORDE, Audre. **The Collected Poems of Audre Lorde**. New York: W. W. Norton and Company, 1997.
- LUGONES, MARÍA. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul./dez. 2008.
- NASCIMENTO, wanderson flor do. Prefácio: Exuzinhando a memória. *In*: SILVA, Cidinha da. **Um Exu em Nova York**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. p. 9-12.
- POLESSO, Natalia Borges. Geografias lésbicas: literatura e gênero. **Criação & Crítica**, São Paulo, n. 20, p. 3-19, 2018.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo nas ciências sociais - perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Trad. Carlos Guilherme do Valle. **Revista Bagoas**, Natal, n. 5, p. 17-44, 2010.
- RUFINO, Luiz. Performances afro-diaspóricas e decolonialidade: o saber corporal a partir de Exu e suas encruzilhadas. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 40, p. 54-80, 1. sem. 2016.
- SÀLÀMÌ, Síkírù. **Exu e a ordem do universo**. São Paulo: Editora Oduduwa, 2011.
- SANTOS, Claudiana Gois dos; BARROSO, Carolina Hartfiel. Por uma rede que atravesse os tempos e que dê à produção lésbica a noção de continuidade.

**Revista Crioula**, São Paulo, n. 24, p. 240-245, 2019.

SILVA, Ana Paula Procópio da; ALMEIDA, Magali da Silva; GONÇALVES, Renata. Ochy Curiel e o feminismo. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 46, v. 18, p. 269-277, 2. sem. 2020.

SILVA, Cidinha da. **Um Exu em Nova York**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

TRUTH, Sojourner. **Ain't I a Woman?** United Kingdom: Penguin Books, 2020.